

Incertezas paralisam máquina do governo

Marizete Mundim

O governo está imobilizado, à espera do ajuste fiscal, da aprovação do Emendão pelo Congresso e de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que lhe abra as portas para a renegociação mais ampla da dívida externa. Enquanto a inflação ameaça bater em 23% em outubro, a equipe econômica limita-se a administrar a crise com medidas de varejo, apostando todas s fichas numa melhora da situação, a partir de janeiro, quando todas aquelas medidas pendentes estarão, pelos seus cálculos, aprovadas. A única ação foi a realização do leilão da Usiminas, quinta-feira.

Um secretário da área econômica confessou ao *Jornal de Brasília*: “Até janeiro, o ministro Marcílio Marques Moreira e sua equipe estão garantidos em seus cargos. Uma mudança, agora, poria a perder todo o bem-sucedido esforço para normalizar a situação do País com a comunidade financeira internacional. E nesses dois meses e meio, pouco há a se fazer, já que a possibilidade de um novo choque não está em cogitação: vamos continuar administrando a crise, sem medidas de impacto e negociando a aprovação do ajuste fiscal e das medidas propostas no Emendão”.

A equipe de Marcílio está convencida de que a tentação de um novo choque deve ser evitada a qualquer preço. E optou por enfrentar a crise com uma estratégia de alto custo social, já que prevê nos próximos meses a convivência com inflação alta (entre 20% e 25%), arrocho salarial e juros elevados. “Não há outro caminho”, diz um economista do governo e arremata: “Em países civilizados, faz-se este ajuste com entendimento político e menor custo social. Como aqui isso não foi possível, temos que fazer o ajuste mais doloroso, a exemplo do que ocorreu no Chile e no México”.

Quebradeira

A persistência nessa estratégia, acreditam os técnicos do Ministério da Economia, provocará uma queda-de-braço inédita entre governo e empresários: “Ou eles recuam nos preços exageradamente altos, ou muita gente vai quebrar”, aposta um deles. E dá um exemplo emblemático: “A Brastemp, detentora de 85% do mercado de geladeiras e de 100% do mercado de compressores (usados nas geladeiras dos concorrentes), faturou no ano passado US\$ 1,6 bilhão e agora diz que não pode enfrentar três...meses...de...prejuízos,...sem...demitir”.

Ao longo dos últimos três meses (durante os quais a inflação teve altas seguidas) e até o final do ano, o governo terá pouco espaço para agir, admitem seus próprios economistas. Tem concentrado suas ações na preservação do câmbio, para manter o sistema financeiro atuando normalmente e garantir as atividades do setor expor-

tador; no arrocho do salário do funcionalismo público, que historicamente representou 7% do Produto Interno Bruto (PIB) e este ano não ultrapassará a 4% do PIB (aí incluídos salários e encargos sociais); e no esforço do Tesouro para contingenciar o orçamento e “fabricar” superávits mensais de Cr\$ 100 bilhões.

Além dessas ações de monitoramento da economia para evitar a explosão da hiperinflação, a equipe de Marcílio apostou no fechamento do acordo com o FMI até dezembro e, em seguida, na renegociação da dívida com os bancos credores e entidades multilaterais. Mais não pode fazer.

A área de controle de preços, onde a atual equipe tentou atuar mais fortemente, logo que assumiu, está hoje completamente abandonada. A tentativa da secretaria nacional de Economia, Dorothea Werneck, de firmar acordos

com os vários setores industriais para em seguida lhes dar a liberdade de preços, foi um fracasso. Tão logo entraram no regime de liberdade, a maioria deles (como eletroneletrônico e indústria automobilística) esqueceu o acordo e aumentou exageradamente seus preços, preavendo-se contra um esperado, mas (ainda) não concretizado choque.

A secretaria, que inaugurou a gestão de Marcílio na Economia como sua principal estrela, está hoje com sua cotação em baixa. Logo depois de “fazer um acordo” com a Brastemp adiando as demissões anunciadas pela empresa, viajou, no último dia 23, para o Japão onde permanecerá até o próximo dia 3. Foi participar, lá, de um congresso sobre produtividade, enquanto no mercado interno a produtividade está em queda livre e os preços em ascensão permanente.